

## *Repercussões da surdez na criança, nos pais e suas implicações no tratamento*

Luisa Bergmann

Psicóloga graduada pela PUC-RS.

Realizando Curso de Especialização em Psicoterapia Psicanalítica no ESIPP, em Porto Alegre.

***“Todo mundo sabe da dor e da delícia de ser o que é.”***  
**Caetano Veloso**

### **Resumo**

**E**ste trabalho objetiva dirigir o olhar dos profissionais da saúde e da educação ao desenvolvimento da criança surda. Abordará a constituição da subjetividade do surdo e suas dificuldades nas suas relações, principalmente com pais que não sendo surdos podem sentir-se isolados e não receptivos às suas formas de contato.

Apontará ainda a importância da comunicação verbal e não verbal, desde a comunicação precoce com a mãe à necessidade de que os pais decodifiquem suas demandas. Fala-nos dos riscos de que a criança surda desenvolva uma aparente adaptabilidade, para não frustrar seus pais. A criança experimenta estado de alerta ao mundo externo para proteger-se dos perigos que despertam suas fantasias. Procura captar do meio as expectativas a serem correspondidas: “de como deve ser”, para que possa ser amada, em troca, abrirá mão de seus desejos e subjetividade.

O impacto da surdez na família provoca intenso sofrimento ou uma “surdez emocional”, aparece uma busca desesperada em oralizar a criança, muitas vezes à custa da saúde mental do filho. Não vêem que este poderá se desenvolver, ser autêntico e feliz, integrando surdez como parte de sua vida, de sua pessoa, independente da sua “opção lingüística”.

Ao final, sugerem-se implicações para o tratamento, englobando diversos aspectos: a ação preventiva, a escolarização e o tratamento propriamente dito.

### **Abstract**

**T**his work aims present to health and educational staff the development of deaf child. Will approach the organization of deaf subjectivity and your trouble in person relation essentially with parents not deafness, feeling isolated and unresponsive to personal contact. We relact the importance of verbal and not verbal

communication, since the precious communication with mother and necessity of parents to codify yours call for to be replied: “of how it must to be” , to be loved abdicating of yours desired and subjectivity. The deaf ness impact inside family, make intensive annoyance or an “ emotional deafness”.

Emirge an attempt of vocalization the child, disgracing your mental health.

The deaf child can develop a tenuous adaptability, to don't disappoint yours parents. The child experiment a watchfulness state to external world protecting themselves from dangerous that awake yours fantasies.

The child catch from environment the expectancy. The parents don't see the potential of your children, to be authentic and happy, integrating harmoniously to deaf world, independent your linguistic choice.

At last we'll make implication with treatment, including education and preventive action.

## Comunicação e desenvolvimento emocional da criança surda

Atualmente, discutem-se diferentes questões a respeito da surdez, da comunidade surda, das filosofias de educação de surdos, do mercado de trabalho etc... Neste espaço a minha proposta é a de dirigir o olhar dos profissionais da saúde e educação ao desenvolvimento emocional da criança surda. Como educadora e como psicóloga, venho me questionando por que algumas pessoas surdas profundas conseguem ser bem sucedidas em seu convívio com os que escutam e outras não? Ou será que o sucesso está mais no lugar em que o sujeito está e sente-se mais autêntico e feliz? Socialmente há um preconceito em valorizar a pessoa surda pela qualidade de sua fala. Uma pessoa surda profunda poderá ou não oralizar bem, dependendo dos estímulos que recebeu, de recursos e características próprias.

Quero chamar-lhes a atenção, ainda, para os casos em que a oralização não se tornou suficiente para que houvesse representação simbólica, pela impossibilidade de uma comunicação satisfatória e uma não apropriação da linguagem oral.

RODRIGUEZ refere-se à BERGÉS (1979) quando nos fala do corpo precursor da linguagem:

“O bebê chega ao mundo com um organismo que ao ser capturado pela linguagem permi-

te que se qualifique o que era puramente biológico. É um corpo que comunica algo o qual é imprescindível escutar. (...) O corpo não só deve se capacitar a comunicar, mas desenvolver a capacidade para ser receptor, ser capacitado para a escuta, comunicação e intercâmbio com o outro (...) Implica um corpo com desejo e que é desejado pelo outro.” Por isso, devemos estar atentos pela forma como é escutada a criança, pois não há pior surdo do que aquele que não é escutado” BERGÉS (1979).

Muitos surdos apenas repetem ou imitam palavras sem significados para si. Provavelmente sentem que os outros não o viram ainda “por dentro” e “fazem-de-conta” que entendem para não perderem a afeição das pessoas. Movidos pelos desejos alheios, sentem-se cada vez mais desconectados de si mesmos, tristes ou vazios. E aqueles sujeitos surdos que se “adaptam bem” ao meio ouvinte, que desenvolveram a fala e se apropriaram de seus significados? Parecem-se com os ouvintes, mas será que também não sentem que uma parte do seu eu não está sendo autêntica? Por não re-

conhecer a surdez como parte de si, não permanece um vazio também?

Como fica a criança surda que não recebeu um banho de linguagem no momento apropriado? Privada do “input” lingüístico natural, a ela é impossibilitada uma aquisição espontânea e afetiva da linguagem, dentro do contexto de suas relações. RELLA (2000) destaca a construção dos significados pela criança surda como objeto de interesse da psicanálise. A criança ouvinte constrói de maneira implícita e espontânea os significados afetivos e as representações. Desde bebê vai diferenciando e qualificando constantemente suas experiências e sensações, nomeando a realidade externa e interna. Na surdez a privação do acesso à palavra empobrece a simbolização e deteriora a construção dos significados. A criança que não escuta poderá não qualificar as suas sensações de prazer-desprazer. Por não se escutar, não associará os sons produzidos por si mesma: o choro, o grito, como uma forma de comunicação precoce e possível. Registrará os afetos a partir das expressões da mãe, do toque, das carícias; por isso desde cedo

*Como educadora e como psicóloga, venho me questionando por que algumas pessoas surdas profundas conseguem ser bem sucedidas em seu convívio com os que escutam e outras não?*

*A ausência do som no vínculo mãe-filho não possibilitará ao bebê receber o componente melódico e afetivo da voz da mãe, apaziguadora das ansiedades precoces.*

desconhecerá o valor lingüístico do som. Se não compreendem o choro e o grito para chamar alguém, estes não podem ser investidos de valor lingüístico, nem semântico, permanecerão viscerais, não desenvolverão linguagem oral. A surdez não só priva-lhe do que ocorre ao redor, como também a torna um sujeito que não "ouve" a si que não "ouve" a si mesmo.

NUNEZ e FERRAGINA (2000) propõem-nos a pensar nas repercussões da surdez na criança a partir do que seria a função da audição. As autoras lançam-nos perguntas interessantes: Qual é a função da audição? Que função cumpre escutar e ser escutado na trama vincular mãe e filho? Qual é o valor da voz da mãe? A criança surda será compensada totalmente pelos demais canais sensoriais, sem que seja afetada em sua constituição psíquica?

A falta de acesso ao mundo sonoro leva o bebê surdo a experimentar excesso de sonolência ou ansiedade. O mundo acústico envolve e protege, parece satisfazer a necessidade básica e humana de segurança física e psíquica. Privado da compreensão do que

ocorre ao redor, o bebê surdo constrói uma imagem de um mundo imprevisto e incerto. Sua apreensão do contexto será fragmentada e distorcida sem o acesso à linguagem e à comunicação efetiva, o que lhe gera fantasias de perigo. Experimenta a necessidade de hipervigilância antecipatória e temor da perda do controle visual e utilizará a ritualização como uma forma de diminuir o imprevisto e obter segurança. Encontrará, ainda, dificuldades na percepção do tempo e espaço como uma continuidade e ansiedades de perda dos limites do ego.

A ausência do som no vínculo mãe-filho não possibilitará ao bebê receber o componente melódico e afetivo da voz da mãe, apaziguadora das ansiedades precoces. Por não escutar a própria voz, o som não atravessar o espaço que o rodeia, apresentar-se-á sonolento, menos desejante do meio, conseqüentemente menos estimulado por este.

Tive a oportunidade de observar crianças surdas que apresentavam hipotonia muscular, desorientação no tempo e espaço, conduta aquém da sua idade, atra-

so no desenvolvimento, atenção difusa, apatia, hiperexcitabilidade, baixa tolerância à frustração e indiferença para com os que o cercam. Casos facilmente confundidos com autismo.

Ao tomarem contato com o primeiro "banho de linguagem", com a língua de sinais, desenvolveram a comunicação, resgataram a sintonia afetiva com a mãe, a construção de significados e se situaram no mundo. O acesso à língua de sinais melhorou até a sua fisionomia, tornaram-se mais felizes, seus olhos passaram a brilhar, despertaram para a vida, para o mundo, por poder entender e sentirem-se entendidas.

É muito comum a mãe da criança surda deprimir-se pela ausência de respostas da criança e por isso distancia-se afetivamente e não a estimula. Isso tem a ver com o que mencionamos sobre a importância de escutar a criança surda, de criar-lhe a demanda de comunicação e vínculo com as pessoas. Despertar-lhe o desejo de se apropriar da fala e da língua de sinais, e para isso, deseje se comunicar e seja desejado pela escuta do outro.

Quero lhes apresentar também um outro tipo de surdez: "a surdez emocional". Quantos existem que falam a linguagem oral e têm o ouvido são, porém são "surdos"? Ou quantos os que falam a linguagem de "outros"? Importante é a disponibilidade emocional dos pais, da família para "escutar" a surdez da criança. Suas atitudes, o que sentem a

respeito da surdez marcarão a experiência emocional da criança surda.

Às vezes, a família não percebe que a pessoa surda está ali presente apenas fisicamente e emocionalmente impedida de compartilhar a situação por não escutar. E esta, para não perder o amor dos pais, tenta corresponder ao seu ideal de normalidade e negação da surdez. Não reivindica uma atenção diferenciada. Pergunto-me: a criança surda percebe e evita tocar a auto-estima ferida de si mesma e dos pais? Experimenta culpa inconsciente de não ser "aquela criança esperada?" Se responde a isso no lugar que ocupa no contexto familiar? Para quê? Há a necessidade da família de ter alguém que não escute? Possivelmente não se dar conta, é o que chamo de "surdez emocional". Não seria também uma dificuldade da família não poder escutar a si mesma? O reconhecimento exige mobilização afetiva de postura frente à surdez. Exige elaboração de lutos e para lidar de uma forma mais natural com a surdez. Não é fácil: nem para a pessoa surda, nem para os familiares. Nenhuma

família e pais nasceram preparados para serem pais de surdos. Quais as repercussões que a surdez traz aos pais?

### Um olhar aos pais

Os pais aprendem a ser pais apenas quando passam pela experiência. É na sua experiência com a criança surda que encontrarão as respostas, mas antes de tudo precisarão compreender seus sentimentos especiais em relação ao seu filho e à deficiência deste e conhecerem a si mesmos como indivíduos únicos.

É necessário que proporcionemos a esses pais o retorno à vida e amor-próprio perdidos. Muitos passam a privar-se de viver as suas vidas em função da deficiência devido aos lutos, aos sentimentos ambivalentes e à culpa em relação ao filho. São muitas as reações possíveis que vão desde a negação e indiferença à superproteção.

Todo o brilho da vida se apaga, todo o orgulho da paternidade. Experimentam o sentimento de que a morte da criança seria mais fácil de suportar e temem que esses sentimentos vergonhosos lhe

tirarão a capacidade de amar novamente. É preciso falar da dor e ter um lugar para isso (BUSCAGLIA, 1993, pp. 104, 107-108). Impõem a si o auto-exílio físico e mental, outros fingirão alegria e bem-estar diante dos amigos e da família e sufocarão a dor e o desespero. Esse controle das emoções sempre consome muita energia, não é fácil fingir bem-estar, vem a depressão. Porém, nem sempre as defesas dos pais são nocivas, talvez seja melhor deixar que eles vivam a adaptação temporária, até que sintam a necessidade de lidar com os sentimentos mais sinceros e mais íntimos. Encarar os sentimentos não é fácil, exigirá força, honestidade, *insight*, inteligência e sensibilidade. Mas, recompensa será muito maior.

Os pais têm o direito genuíno de experimentar a descrença, o choque, a culpa, a rejeição, o ódio por si mesmos e pela criança, a vergonha, o ressentimento, o medo, a impotência, a confusão, a negação e frente à necessidade da criança, o sentimento de responsabilidade sufocante. Todos são sentimentos que exigem atitude compreensiva para que sejam elaborados (BUSCAGLIA, 1993, p. 110).

### Aos profissionais da saúde e educação, para refletir

É comum os profissionais reclamarem que os pais são sempre as causas dos problemas de seus filhos e esquecem de que eles

*Os pais aprendem a ser pais apenas quando passam pela experiência. É na sua experiência com a criança surda que encontrarão as respostas, mas antes de tudo precisarão compreender seus sentimentos especiais em relação ao seu filho e à deficiência deste e conhecerem a si mesmos como indivíduos únicos.*

*Negar a surdez, e representar, isso sim seria uma prisão! A língua de sinais, por sua vez, pode muito bem cumprir as necessidades lingüísticas da criança surda.*

próprios são pais (BUSCAGLIA, 1993, p. 93). E é muito diferente ficar com a criança como um professor ou terapeuta, por poucas horas, do que ser pais 24 horas por dia. "Os profissionais esquecem do fato de que dar à luz uma criança deficiente não altera a realidade, de que esses pais continuam a ser pessoas como as outras e impõem a eles exigências excessivas. (...): Aceitem essa criança de imediato! A pungente resposta de uma mãe para tal afirmação foi um zangado: Como é que eu posso?" (BUSCAGLIA, 1993, p. 99).

"Um pai ou mãe é, em primeiro lugar, uma pessoa". "O nascimento de uma criança imperfeita fará com que enfrentem um desafio único, do qual não tomariam conhecimento se a criança fosse perfeita." (BUSCAGLIA, 1993, p. 93).

Freqüentemente, cobra-se deles que sejam superseres humanos e que, com pouca ou nenhuma orientação, enfrentem de súbito sentimentos estranhos e confusos em relação a si mesmos e ao filho. "Os pais precisam ter uma idéia vaga do que o futuro reserva para eles e para os filhos, muita esperança e encorajamento no

sentido de ajudá-los a aceitar o desafio que têm pela frente" (BUSCAGLIA, 1993, p. 98).

"É imperativo que vejamos e ajudemos os pais a se verem primeiramente como pessoas iguais às outras, com as mesmas forças e limitações. (...) De início não precisam aceitar coisa alguma, exceto o desafio que acompanha o ato de assumir a responsabilidade de crescer, realizar seus potenciais, aprender e tornar-se um ser humano melhor, ao lado de suas crianças especiais" (BUSCAGLIA, 1993, p. 99).

Após a reflexão, constatei que há muitos outros aspectos envolvidos além da linguagem! A língua de sinais e a linguagem oral são igualmente importantes. Muitas pessoas surdas profundas oralizadas apropriaram-se bem da linguagem oral, tiveram ganhos em sua vida, mas continuam convivendo com as implicações emocionais da surdez. Também são pessoas surdas. O mais importante não é a fala em si, mas o poder que se atribui à linguagem oral, como uma condição única de libertar-se da surdez. Negar a surdez, e representar, isso sim seria uma prisão! A língua de sinais, por

sua vez, pode muito bem cumprir as necessidades lingüísticas da criança surda. O mérito da questão agora é outro: não é a fala ou a língua de sinais; a pessoa surda que "se deu bem" é aquela que pôde preservar a sua autenticidade, aceitou a surdez como uma parte diferente e não doente de si; que pode fazer uma escolha que lhe permita ser natural em sua comunicação, independente de ser oralizada ou sinalizada.

A partir do que foi abordado nesse trabalho e das idéias dos autores, gostaria de compartilhar-lhes alguma implicações necessárias ao tratamento de pessoas surdas:

### **Implicações ao tratamento**

- "Na abordagem precoce devemos auxiliar a mãe a acompanhar as vicissitudes do exercício da função materna e introduzir ordenamentos necessários para que a criança se aproprie de seu corpo e da linguagem como sujeito desejante." (RODRIGUEZ, 2000).
- "Oferecer à mãe um espaço diferente e diferenciado a respeito de seu filho." (RODRIGUEZ) 2000).
- Avaliar como circula a linguagem na família, que valor comunicativo tem, quem o possui, se a palavra é um dom que se outorga e se faz circular. (RODRIGUEZ, 2000).

- Como trabalhar o inconsciente do surdo sem contar muitas vezes com este recurso, sem cair no reducionismo diretriz? (LOPATIN E GUZMÁN, 2000).
- Frequentemente o surdo é falado pelo outro e nos perguntamos então pelo seu desejo. Qual é então o discurso que analisamos? (LOPATIN E GUZMÁN, 2000).
- Colocar como condição indispensável à comunicação, a língua de sinais, para que ocorra a transferência. Se isso não for observado, corre-se o risco de desenvolver intensa transferência negativa (TARZIA E NADBORNÝ, 2000).
- Propiciar aos pais a imersão lingüística na Língua de Sinais, o mais natural possível, integran-

do à suas necessidades do dia-a-dia (FONIN e CORREA, 2000).

- Ver como é escutada a criança surda, se isso não ocorre, a palavra se transforma em objeto, coisa não simbólica (RODRIGUEZ, 2000).
- Perguntar-nos de quem é a "surdez"? Da criança, dos pais, ou nossa enquanto terapeutas (RODRIGUEZ, 2000).
- Quando os pais chegam confusos e perdidos, devemos recomençar tudo novamente. Aos pais auxiliá-los a experimentar uma nova maternagem, resignificando-os (MELLER e NADBORNÝ, 2000).
- E "à criança, cabe-nos escutar, olhar e dar-lhe um sentido àquilo que nos contam e sen-

tem. Este lento processo de subjetivação os habilita a serem sujeitos desejantes". O fato de serem pensados por outro lhes permite começar a conectar-se com o seu "padecer", sabendo que há um interlocutor que os sustenta, que se oferece como uma "mãe" diferente (MELLER e NADBORNÝ, 2000).

- O trabalho em análise lhes permite recolocar-se historicamente, apropriar-se de sua história, reconhecer-se como pessoa surda, como um dado de realidade e não como um tabu. Consiste em um trabalho de respeitar o seu tempo, e acompanhar-lhes, possibilitando antecipar, projetar e pensar em um futuro (MELLER e NADBORNÝ, 2000).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGÉS, Jean. *Retardo del lenguaje y afectividad*. Texto publicado en *Reeducation Orthophonique*, vol. 17, nº 108, 1979.

BUSCAGLIA, Léo. *Os deficientes e seus pais. Um desafio ao aconselhamento*. Rio de Janeiro: Record, 1993.

FANIN, Adriana; CORREA, Roxana. *Lineamientos de un programa de atención temprana de niños sordos*. Primeiro Encontro Latino-Americano de Saúde Mental e Surdez. Buenos Aires, agosto, 2000.

MELLER, Liliana; NADBORNÝ, Mariela. *Un análisis posible*. Primeiro Encontro Latino-Americano

de Saúde Mental e Surdez. Buenos Aires, agosto, 2000.

NUÑEZ, Blanca; FERRAGINA, Amelia. *Consideraciones sobre el mundo sonoro y el desarrollo psíquico temprano*. Primeiro Encontro Latino-Americano de Saúde Mental e Surdez. Buenos Aires, agosto, 2000.

RELLA, Franca. *Efectos de la sordera congénita en el origen de la significación. Aportes del Psicoanálisis*. Primeiro Encontro Latino-Americano de Saúde Mental e Surdez. Buenos Aires, agosto, 2000.

RODRÍGUEZ, Mónica B. *Sobre las premisas del lenguaje: el cuerpo en cuestión. Reflexiones desde la*

*psicomotricidad a partir de un caso de estimulación temprana*. Primeiro Encontro Latino-Americano de Saúde Mental e Surdez. Buenos Aires, agosto, 2000.

STROBEL, Farin Lilian; DIAZ, Silvana M.S. *Surdez: abordagem geral*. Livro da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos. FENEIS. Curitiba: Apta, 1999.

TARZIA, Ma. Gabriela F; NADBORNÝ, Mariela. *De cómo utilizar recursos psicoterapéuticos en niños sordos com patologías emocionales severas*. Primeiro Encontro Latino-Americano de Saúde Mental e Surdez. Buenos Aires, agosto, 2000.